

ESPÍRITO E MATÉRIA

Claudio C. Conti

INTRODUÇÃO

O serviço de desobsessão possibilita que espíritos equivocados ainda transitando pela crosta terrestre, sejam conduzidos pelos mentores espirituais para entrar em comunhão com encarnados através do transe mediúnico. Quando ligados à mente mediúnica, estarão em condições de expor seus medos e problemas em geral para, através da doutrinação, estar em condições de seguir sua caminhada como espírito imortal na senda evolutiva em que todos nos encontramos.

Certa feita, em uma reunião para esta finalidade, dois espíritos se comunicaram, um após o outro. Seus relatos foram mais um ensinamento para os presentes do que um atendimento propriamente dito, o que, todavia, não deixou de ocorrer.

Ambos disseram que há algum tempo freqüentavam aquela Casa Espírita e que, por este motivo, conheciam todos nós e muitos dos encarnados que, por um motivo ou outro, lá aportavam. Disseram que muitos de nós, assíduos freqüentadores, apesar de todo estudo, ainda éramos muito incipientes e que tínhamos medo da alma dos mortos, apesar de nos mostrarmos crentes do Espiritismo.

Mais que isso, terminaram seus discursos dizendo que, voltando a encarnar se, porventura, viessem a se dedicar ao mesmo trabalho, isto é, atendimento a espíritos equivocados, com certeza, estariam recebendo muitos de nós em uma sessão de desobsessão.

Analisando o conteúdo desta manifestação, é possível perceber que se tratava de espíritos lúcidos, cômnicos da sua existência e da realidade da vida imortal, todavia ainda renitentes em promover a transformação pessoal, tão necessária quanto trabalhosa.

Diante de tudo o que disseram, não é possível crer que estivessem equivocados, pois esta é a representação real da grande maioria que freqüenta os templos religiosos, seja de que vertente for.

Não poderia haver forma mais convincente e adequada para que recebêssemos o aviso. É hora de trabalhar e, mais ainda, saber realizar o trabalho adequadamente. Para isto, é necessário o estudo, analisando o conteúdo para que este possa ser assimilado pela consciência para, posteriormente, adentrar na região dos automatismos, quando a caridade será tão natural quanto o próprio caminhar.

Afinal, como diz André Luiz, nós *sabemos equilibrar a circulação do sangue para garantir a segurança do ciclo cardíaco, mas ignoramos como libertar o coração do cárcere de sombras...*¹

A compreensão da realidade do espírito é de fundamental importância para a decisão de renovação, que será mais firme quanto maior for o entendimento.

Uma questão fundamental para o nível evolutivo comum aos habitantes do planeta é a inter-relação entre espírito e matéria, devido à grande influência que um exerce sobre o outro. Considerando que a matéria mais próxima do espírito seria aquela com a qual haveria maior interação, o início do entendimento desta relação deverá ser baseado nas três componentes do indivíduo, que são: espírito, perispírito e corpo físico.

ESPÍRITO

Analisando a evolução do conhecimento humano, é possível perceber que esta ocorre de forma lenta e gradual.

Se fosse possível estabelecer um momento na história em que o conhecimento começou no mundo ocidental, elaborado de forma ordenada, poderíamos dizer que teve seu início com Sócrates, filósofo grego que, nesta encarnação, viveu no século V A.C., e seu discípulo, Platão. Em O Evangelho Segundo o Espiritismo estes dois pensadores são considerados como sendo precursores da idéia cristã e do próprio Espiritismo.

Antes e depois de Sócrates, muitos filósofos existiram e deixaram vasta obra. Alguns, complementando temas apresentados anteriormente; outros trazendo idéias novas, algumas corretas, outras nem tanto. Muitos corroboraram a idéia da imortalidade da alma, outros tantos, materialistas, negavam sua existência, atribuindo à matéria todos os fenômenos observáveis.

Portanto, há dois mil e quinhentos anos, o homem vem estabelecendo parâmetros para auxiliar a nortear a conduta em sociedade o mais adequadamente possível, porém o aprimoramento é lento e gradativo.

Todo pensamento filosófico deve ser analisado segundo o contexto em que surgiu, além do que, tendo como finalidade o seu entendimento por parte dos homens, que nem sempre são conhecedores do assunto, a apresentação das idéias deve ser ao mesmo tempo simples e complexa. Isto significa que, para que possa haver uma grande penetração nas massas, é imprescindível que

haja, no mesmo texto, condição para um entendimento simplificado e outro mais abrangente para suprir as necessidades dos diferentes graus de compreensão.

Poderíamos, então, ressaltar três abordagens do pensamento humano: social, introspectivo e universal ou divino.

A abordagem social visa fornecer subsídios intelectuais aos componentes de uma organização qualquer, para que possam compreender a necessidade de um comportamento adequado e, assim, a vida transcorrer da melhor forma possível. Nesse contexto, é comumente salientado que cada um deve fazer aquilo que lhe cabe, o melhor que seja capaz, visando, não unicamente ao proveito próprio, mas ao bem daquele agrupamento em que está inserido.

Para atingir este intento, o pensador abordará as questões éticas e morais, baseando-se em idéias mais concretas, que são questão da vida cotidiana, conhecida de todos.

Na segunda abordagem, a introspectiva, o tema principal tem como foco o próprio indivíduo, debatendo os sentimentos humanos, visando ao seu entendimento para que, posteriormente, possa conviver harmoniosamente com esses sentimentos ou, até mesmo, corrigir aqueles que sejam inadequados ou prejudiciais.

Na abordagem universal, o arcabouço intelectual desenvolvido visa inserir o homem em uma conjuntura muito mais ampla que a si mesmo, que a sociedade ou, até mesmo, que o planeta como um todo.

Apesar de, em geral, não prestarmos atenção e considerarmos que não exerça nenhuma influência sobre o indivíduo, três questões principais afetam a existência: Quem sou eu? De eu onde venho? e Para eu onde vou?

As religiões buscam suprir a ansiedade gerada pelo desconhecimento da origem e destinação do ser. É bem verdade que a grande maioria não cumpre adequadamente seu papel, sendo este o motivo pelo qual, atualmente, há descrença no mundo. Felizmente, observando o afluxo atual nos templos religiosos, verifica-se que esta situação está se revertendo.

Cumpra, então, a todas as vertentes religiosas primarem por adequar suas doutrinas e ensinamentos aos novos tempos, evitando tendências perniciosas e que a descrença seja novamente estabelecida.

Em contrapartida, também cabe àqueles que buscam preencher as lacunas existenciais através dos ensinamentos religiosos que ponderem e analisem a informação que lhes é oferecida.

O Espiritismo, contendo em seu corpo doutrinário uma abordagem filosófica, científica e moral, sendo uma doutrina séria que busca responder aos questionamentos naturais do ser humano, abrangendo todas as classes sociais e intelectuais, deve fornecer subsídios para que todos possam apreender o significado principal dos ensinamentos que contém.

Assim sendo, devemos encontrar nos ensinamentos Espíritas a forma simplificada e a complexa em um mesmo texto. Portanto, aqueles que buscam um estudo além do superficial deverão analisar o seu conteúdo em sua totalidade, evitando elaborar conclusões apressadas, baseando-se apenas em uma pequena parcela do todo, pois, muito provavelmente, conduziriam a ilações simplistas e incompletas.

Em vários pontos dos ensinamentos contidos na Doutrina Espírita, os espíritos superiores, responsáveis pelo trabalho da codificação realizada por Allan Kardec, se referem a nossa capacidade de compreensão sobre alguns assuntos com frases do tipo: *porque não falais senão do que conheceis*², *falta-lhe para isso o sentido*³, *ser incompleta a vossa linguagem*⁴, etc; significando que muitos conhecimentos ainda estão longe da nossa capacidade de compreensão.

O melhor exemplo que poderíamos citar sobre dificuldades de entendimento de questões que transcendem a nossa capacidade seria a questão da natureza de Deus. A simples tentativa de compreender um ser que seja perfeito, em todas as qualidades possíveis e imagináveis, considerando que ainda não temos a compreensão de qualidades outras, diversas das poucas que conhecemos, já seria um exercício mental estafante, além de nossos limites. No entanto, Kardec diz que:

*Não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. **Para compreendê-Lo, ainda nos falta o sentido próprio, que só se adquire por meio da completa depuração do Espírito.** Mas, se não pode penetrar na essência de Deus, o homem, desde que aceite como premissa a sua existência, pode, pelo raciocínio, chegar a conhecer-lhe os atributos necessários, porquanto, vendo o que ele absolutamente não pode ser, sem deixar de ser Deus, deduz daí o que ele deve ser.*

*Sem o conhecimento dos atributos de Deus, impossível seria compreender-se a obra da criação. Esse o ponto de partida de todas as crenças religiosas e é por não se terem reportado a isso, como ao farol capaz de as orientar, que a maioria das religiões errou em seus dogmas. As que não atribuíram a Deus a onipotência imaginaram muitos deuses; as que não lhe atribuíram soberana bondade fizeram dele um Deus cioso, colérico, parcial e vingativo.*⁵ (grifos nossos)

Vemos que, apesar de toda a dificuldade inerente a questões desse tipo, é preciso elaborar um raciocínio lógico, por mais simplista que seja, mas que servirá para compreender nosso papel na obra da criação.

A criação do espírito e a sua constituição íntima podem ser assuntos considerados como estando acima da nossa capacidade de entendimento, todavia, mesmo assim, é possível abordá-los

baseando-se em informação disponível na Codificação Kardequiana e formar uma idéia a seu respeito.

Na questão 81 de O Livro dos Espíritos, Kardec pergunta se os espíritos são formados espontaneamente ou procedem uns dos outros. Obtém como resposta que *Deus os cria, como a todas as outras criaturas, pela Sua vontade. Mas, repito ainda uma vez, a origem deles é mistério.*

Por esta resposta, observa-se que, apesar de ainda ser um mistério, é nos informado que somos criações de Deus e, por mais geral que seja, não deixa de ser uma idéia sobre a origem dos espíritos. Com esta assertiva, fica claro que o espírito não surge do nada, não é um processo espontâneo, a sua origem está atrelada à vontade de alguém ou alguma coisa, isto é, de Deus.

Recorrendo novamente ao O Livro dos Espíritos, pois este é o ponto de partida para qualquer estudo relativo ao Espiritismo, encontramos várias citações a respeito da natureza íntima do espírito. A resposta obtida na questão 23a merece destaque: *Não é fácil analisar o Espírito com a vossa linguagem. Para vós, ele nada é, por não ser palpável. Para nós, entretanto, é alguma coisa. Ficai sabendo: coisa nenhuma é o nada e o nada não existe.*

Percebe-se, pelo que foi apresentado no parágrafo anterior, que os espíritos são formados por alguma “coisa”, possuem uma constituição sem, todavia, apresentar maiores esclarecimentos sobre a natureza desta “coisa”. Graças à mente perspicaz de Kardec, que durante todo o seu trabalho na Doutrina manteve-se sempre atento a possíveis lacunas nos ensinamentos, prossegue, na questão 27, com sua perquirição sobre o assunto:

Há então dois elementos gerais do Universo: a matéria e o Espírito?

Sim e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o Espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o Espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o Espírito não o fosse. Está colocado entre o Espírito e a matéria; é fluido, como a matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do Espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas conheceis uma parte mínima. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o Espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá.

Esta resposta pode ser dividida em diferentes partes analisadas separadamente.

Na parte inicial fica claro que existem apenas três constituintes no universo, denominados de trindade universal. Até então, não resta dúvidas de que Deus, espírito e matéria são estes constituintes.

No entanto, logo em seguida é dito que *ao elemento material se tem que juntar o fluido universal* (ou fluido cósmico). Conclui-se que até este momento não haviam incluído o fluido universal, como matéria, aos constituintes do universo.

Dando continuidade à resposta, ponderam que *de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo (o fluido cósmico) com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais*. Verifica-se que, apesar do fluido cósmico apresentar características da matéria, possui propriedades que não são materiais. É claro que por “matéria” não está apenas sendo considerado a matéria densa que conhecemos, mas, também, as de diferentes densidades.

Outra afirmação muito interessante e que merece toda a atenção é que *se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o Espírito não o fosse*. Sob este prisma, se for afirmado que fluido cósmico é matéria, então também se deve afirmar que espírito é matéria.

Conclui-se, então, que o espírito é formado por fluido cósmico ou “algo” similar. Como a existência de duas substâncias (o termo “substâncias” foi utilizado apenas pela limitação do vocabulário), uma para formar matéria e outra para formar espíritos, em nossa visão ainda muito estreita, seria desnecessária e, mesmo que as duas existissem, até onde nossa mente pode alcançar, seriam equivalentes, podemos, assim, considerar apenas uma única substância – o fluido cósmico.

Um equívoco muito comum entre os adeptos do Espiritismo é considerar o fluido cósmico como matéria e o espírito como sendo imaterial, apesar de ficar claro, na questão 82, que *Imaterial não é bem o termo; incorpóreo seria mais exato, pois debes compreender que, sendo uma criação, o Espírito há de ser alguma coisa. É a matéria quintessenciada, mas sem analogia para vós outros, e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos vossos sentidos*.

Diante do que foi exposto, verifica-se que uma consideração errônea sobre a natureza tanto do fluido cósmico, quanto do espírito, gera uma discordância que, conseqüentemente, dificulta o entendimento destas questões.

Seguindo com o estudo para melhor compreender o fluido cósmico, no livro *Evolução em Dois Mundos*, André Luiz apresenta uma definição que torna um pouco mais clara a sua natureza diferente de matéria. Diz que *o fluido cósmico é o plasma divino, hausto do Criador ou força nervosa do Todo-Sábio*.⁶

Nesta definição, o fluido cósmico é apresentado como algo muito próximo da divindade, estando de alguma forma tão próximo que é como se fizesse parte dela (quando se refere como “força nervosa”).

Ainda sob o mesmo raciocínio, podemos entender quando o próprio André Luiz diz que *Identificando o Fluido Elementar ou Hálito Divino por base mantenedora de todas as associações da forma nos domínios inumeráveis do Cosmo...*⁷, e quando diz que *nos fundamentos da Criação vibra o pensamento imensurável do Criador e sobre esse plasma divino vibra o pensamento mensurável da criatura...*⁸

Ainda no mesmo livro, André Luiz diz que *o Espírito Criado pode formar ou co-criar, mas só Deus é o Criador de Toda a Eternidade*⁹, referindo-se ao trabalho dos espíritos superiores, enfatizando apresentarem um grau de evolução tão elevado que se encontram em íntima comunhão com o Pai. São espíritos que trabalham na construção e manutenção dos corpos celestes do Universo que, como o próprio André Luiz esclarece, é realizada através da ação dos corpúsculos sob irradiação da mente, ondas eletromagnéticas, agindo no fluido para transformá-lo na matéria por nós conhecida.

Estas massas de matéria, com o tempo, sob a pressão constante a que estão submetidas para se manterem aglutinadas, *sofrem o colapso atômico pelo qual se transmutam em astros cadaverizados. Essas esferas mortas, contudo, volvem a novas diretrizes dos Agentes Divinos, que dispõem sobre a desintegração dos materiais de superfície, dando ensejo a que os elementos comprimidos se libertem através de explosão ordenada, surgindo novo acervo corpuscular para a reconstrução das moradias celestes, nas quais a obra de Deus se estende e perpetua, em sua glória criativa.*¹⁰

Poder-se-ia dizer, com base em tudo o que foi apresentado, que o espírito criado é capaz, com o poder mental, apenas de criações temporárias, utilizando o fluido em seus diversos graus de densidade, cujas dimensões e duração dependerão exclusivamente do grau evolutivo do espírito que as criou. Porém, Deus, sendo *a causa primária de todas as coisas*¹¹, é capaz de criar obras que transcendem ao tempo, espíritos imortais, seus filhos.

Portanto, das características materiais do fluido cósmico, é criado o princípio material e das propriedades especiais, é criado o princípio inteligente, verificando-se, assim, uma continuidade entre espírito e a matéria que constituirão seu perispírito e corpo físico.

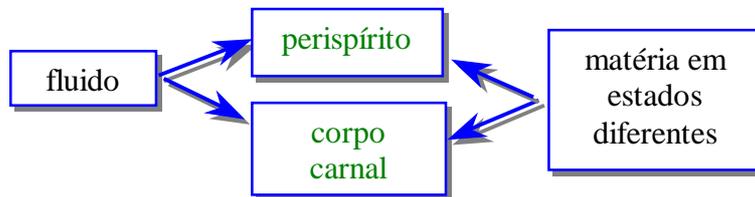
PERISPÍRITO E CORPO FÍSICO

Para designar coisas novas, é necessário criar palavras que representem aquilo que se quer dizer. Assim, enquanto Kardec elaborava a codificação, reconheceu a necessidade de uma terminologia que representasse, o mais acuradamente possível, os conceitos que surgiam e que precisavam ser expostos adequadamente para o seu perfeito entendimento.

Segundo o dicionário da língua portuguesa¹², o prefixo “peri-“ significa posição em torno, portanto, “perispírito” significa em torno do espírito, isto é, aquilo que o reveste. Este revestimento é formado pela condensação de fluido em torno de uma inteligência, ou seja, da alma¹³. Conclui-se, então, que o perispírito é formado por fluido.

Similarmente ao perispírito, o corpo físico também é formado da mesma maneira¹³. Portanto, tanto o que conhecemos como perispírito e o que conhecemos como corpo físico têm origem nas propriedades materiais do fluido cósmico, diferindo, apenas, no grau de tangibilidade.

Esta correlação pode ser visualizada no esquema a seguir:



Recorrendo novamente ao dicionário da língua portuguesa, designamos por “matéria” a substância capaz de receber certa forma, ou em que atua determinado agente¹².

Segundo esta definição, poderíamos concluir que a matéria formada devido à condensação de fluido em torno da alma se deve à ação de algum agente e, por definição, receberia a sua forma ainda devido a esta mesma causa. No caso específico que vimos tratando, o agente em questão seria o pensamento.

Apesar de não pensarmos diretamente na formação do perispírito e, tampouco, do corpo físico, podemos constatar sem sombras das dúvidas que, ao menos o corpo físico, todos o possuímos. Isto ocorre porque todos emitimos ondas mentais dos mais variados matizes sem

percebermos, ou melhor, sem que atinja a região consciente da mente, isto é, a porção observável durante o estado de vigília.

Estes processos subliminares são também responsáveis pelo funcionamento dos órgãos. Não é necessário o pensamento consciente direcionado especificamente para que o coração continue pulsando, porém, este comando está presente durante todos os momentos de nossa existência como encarnados e, por que não dizer, como desencarnados também.

André Luiz define este processo como sendo função dos automatismos¹⁴.

Esta estrutura mental, tanto o que seja perceptível quanto o que não o seja, é elaborada ao longo de nossa existência como seres espirituais, desde o primeiro momento que viemos a existir, isto é, tão logo saímos das “mãos do Criador”, metaforicamente falando.

Para melhor compreensão deste processo, embora tosco, podemos recorrer à psicologia junguiana, que diz que a psique poderia ser dividida em duas partes: o consciente e o inconsciente, sendo que este último seria subdividido em duas outras partes: o inconsciente pessoal e o coletivo.

Pode-se dizer que o consciente seria de acesso direto pelo espírito enquanto encarnado e em estado de vigília, isto é, o material que permearia o cérebro, tendo condições de ser reconhecido e analisado, podendo ser explicado e equacionado racionalmente pelo indivíduo; no inconsciente pessoal estariam armazenadas as lembranças e experiências que não permaneceram no consciente.

A idéia de um inconsciente coletivo surgiu ao observar pacientes que apresentavam manifestações psíquicas correlacionadas com acontecimentos específicos, ocorridos em épocas e locais que não correspondiam à vida do indivíduo em questão. Tais fenômenos, sob uma ótica não reencarnacionista, somente poderiam conduzir à idéia de que a informação sobre todas as ocorrências da humanidade, em todos os tempos, seria passível de ser acessada em situações especiais.

Jung compara a psique humana com uma ilha cercada pelo oceano. A ilha representaria o consciente, enquanto que o oceano representaria o inconsciente¹⁵. Sob este ponto de vista, percebe-se que temos uma porção muito maior de inconsciente comparativamente ao consciente. Isto significa que, em vigília, muito pouco sabemos a respeito de nós mesmos.

Em suas próprias palavras Jung diz que:

O inconsciente coletivo é tudo, menos um sistema pessoal encapsulado, é objetividade ampla como o mundo e aberta ao mundo. Eu sou o objeto de todos os sujeitos, numa total inversão de minha consciência habitual, em que sempre sou o sujeito que tem objetos. Lá eu estou na mais direta ligação com o mundo, de forma que facilmente esqueço quem sou na realidade. ‘Perdido em si mesmo’ é uma boa

*expressão para caracterizar este estado. Este si-mesmo, porém, é o mundo, ou melhor, um mundo, se uma consciência pudesse vê-lo. Por isso, devemos saber quem somos.*¹⁶

Por este segmento de texto, é possível perceber a profundidade com que Jung considera o inconsciente coletivo, pois, se fosse composto apenas de ocorrências em que o indivíduo não tenha tido participação alguma, seria impróprio utilizar a expressão “perdido em si mesmo”, seria mais coerente dizer “perdido na coletividade” ou algo semelhante, mas nunca na própria individualidade. Pode-se até questionar esta abordagem dizendo que o “si-mesmo” é definido, no texto de Jung, com uma conotação de mundo, contudo, ele próprio diferencia, ou melhor, especifica que não se trata do mundo de forma ampla, mas, na realidade, um mundo em particular.

Libertando-se do que denominou de “consciência habitual”, esquece de si mesmo, isto é, do **eu pequeno**, individualidade temporária, cuja existência está limitada entre o período de nascimento e morte, para entrar em comunhão com o **eu grande**, que pré-existe ao nascimento e sobrevive à morte, com a consciência plena. Em outras palavras, o inconsciente pessoal designaria todo conteúdo psíquico que já foi registrado pelo consciente em algum momento na presente existência, enquanto que o inconsciente coletivo designaria todo conteúdo que já tenha sido registrado em existências anteriores. O primeiro seria superficial, possível de retornar à consciência mais facilmente e com um sentido mais completo; o segundo seria mais profundo e, por esse motivo, de acesso mais difícil e, quando surge no consciente, é fragmentário.

Esta forma de analisar o inconsciente não estaria tão em desacordo com as idéias de Jung, pois ele mesmo diz que *o que se segue à morte é de uma amplitude ilimitada, cheia de incertezas inauditas*¹⁷.

Esta idéia sobre o inconsciente coletivo é apresentada por Joanna de Ângelis. Ela diz que *Atravessando os diferentes períodos da humanidade, nos quais estive, arquivou, nos recessos do ser, todas as impressões que ora se encontram adormecidas e podem ser exteriorizadas pelo perispírito*, e completa dizendo que *a visão espírita, porém, a respeito de um arquivo extracerebral, formado por uma **maquinaria energética** centrada no Self ou Espírito, cujo campo de informações é infinito...*¹⁸ (grifo nosso)

Assim sendo, é possível o entendimento de que, apesar de o espírito não ter a noção exata do que esteja ocorrendo, seu perispírito, ou melhor, a região perispiritual mais externa, será composta pela matéria sutil do orbe em que esteja direcionado para viver, seja como encarnado ou não. Como consta no livro *A Gênese : Do meio em que se encontra é que o Espírito extrai o seu perispírito, isto é, esse envoltório ele o forma dos fluidos ambientes. Resulta daí que os elementos constitutivos do perispírito naturalmente variam, conforme os mundos...*¹³

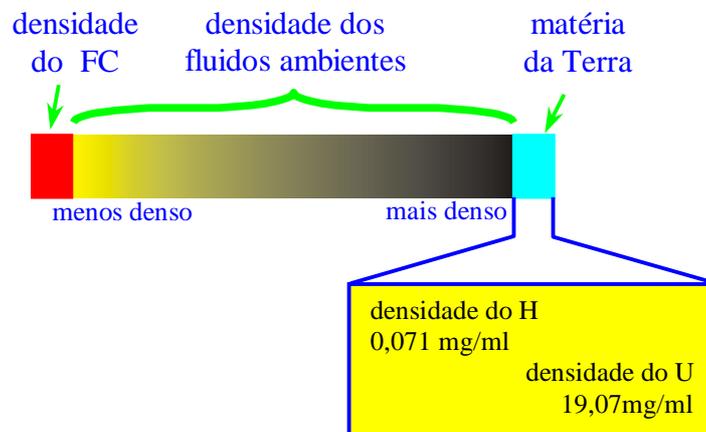
Antes de prosseguirmos, é importante compreender a matéria em suas diferentes densidades, variando desde a sua forma mais sutil, que seria as características materiais do fluido cósmico, até a mais densa de determinado orbe.

Tomando a Terra como exemplo, por ser a única viável de ser abordada neste estudo devido ao conhecimento disponível, existem 105 elementos químicos que ocorrem naturalmente no planeta. O mais leve ou mais simples é o Hidrogênio (símbolo químico: H), enquanto que o mais pesado ou mais complexo é o Urânio (símbolo químico: U).

Abaixo do Hidrogênio, estariam as partículas subatômicas e acima do Urânio, por sua vez, existem alguns outros elementos que foram sintetizados pelo homem através de reações nucleares. Tais constatações podem ser consideradas como indícios da existência de matéria mais sutil e mais densa do que a normalmente conhecida.

Esta análise estaria em acordo com a seguinte afirmação de André Luiz: *Elementos atômicos mais complicados e sutis, aquém do Hidrogênio e além do Urânio, em forma diversa daquela em que se caracterizam na gleba planetária, engrandecem-lhe a série estequiogenética.*¹⁹

A figura a seguir é uma representação esquemática da correlação entre as várias densidades possíveis para o fluido cósmico, desde a sua forma mais etérea até a mais densa conhecida no planeta:



Segundo o esquema apresentado, o fluido cósmico, pelas suas características materiais, é a forma mais pura do que podemos denominar de matéria, pois seria sua origem. Deste ponto de partida surgiriam as várias densidades possíveis e necessárias, a partir da sua aglutinação ordenada pelo pensamento das criaturas.

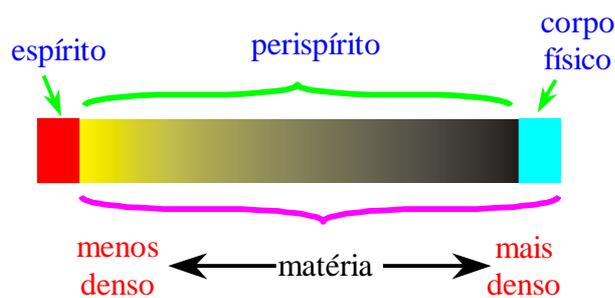
O denominado corpo físico, o veículo com o qual o espírito se expressa na condição de encarnado, será o seu último revestimento, ou invólucro, portanto, deverá ser formada por matéria

em densidade equivalente àquela que corresponde ao seu grau evolutivo e, por conseguinte, a região em que estará predestinado a viver.

Para um espírito qualquer, matéria densa é aquela que apresenta a densidade correspondente a região de relações, enquanto que fluidos ambientes são matéria com densidade inferior. Dessa forma, será necessário que o espírito possa atuar sobre a matéria densa, seu último invólucro, seja ela de que densidade for.

Para que algo tão sutil quanto o espírito seja capaz de exercer alguma influência sobre matéria densa, será necessário que haja toda uma ligação de permeio. Esta ligação será realizada por matéria em diferentes estados, desde a mais sutil até a densa, em conformidade com a variação do fluido apresentado no esquema anterior.

Portanto, analogamente às modificações do fluido cósmico, desde a sua forma mais pura até a mais grosseira, o esquema correspondente à relação entre espírito e os diferentes estados da matéria na formação das camadas que o revestem está apresentado a seguir:



Conforme o fluido cósmico vai sendo transformado, isto é, aglutinado, a densidade vai aumentando gradativamente até que esteja compatível com a região que deverá habitar, seja ela qual for.

Como Deus cria desde todo o sempre, espera-se que existam espíritos em todos os níveis evolutivos, portanto, forçosamente haverá mundos que propiciem as condições necessárias para o aperfeiçoamento de todos e de qualquer um, sejam elas quais forem. Como o grau evolutivo está diretamente relacionado com a sublimação do espírito, haverá seres para habitar mundos em todos os níveis de densidade.

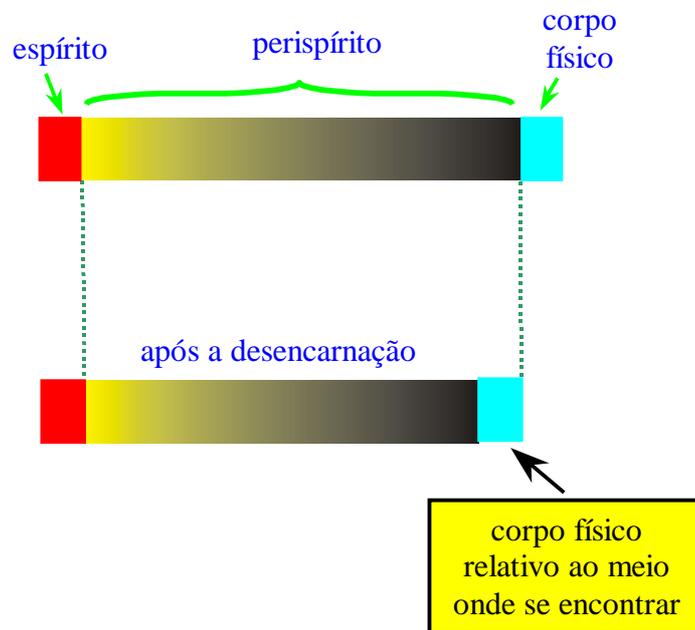
Baseando-se na questão da pluralidade dos mundos habitados e considerando que os diferentes globos do universo não apresentam a mesma constituição física²⁰, por conseguinte, a constituição física dos que neles habitam também difere entre si.

Dessa forma, o espírito, ao desencarnar, deixará a última camada de seu envoltório no mundo em que habitava, camada esta condizente com a densidade material do meio.

Ao se desprender do corpo físico, quando da desencarnação, a região do perispírito que estava mais próxima deste passará a constituir a última camada. Por correspondência, esta passa a ser, então, considerada o corpo físico do meio onde habitará como espírito desencarnado.

Assim sendo, definir se um espírito está encarnado ou não dependerá do referencial adotado, haja vista que ele sempre terá uma última camada de seu envoltório de densidade correspondente àquela da região que será sua morada.

Complementando o esquema anterior, poder-se-ia acrescentar a relação perispírito-corpo físico após a desencarnação do espírito da seguinte forma:



Sob este ponto de vista é possível vislumbrar a continuidade existente entre os processos de encarnação e desencarnação, ao invés de serem consideradas como condições definidas e dissociadas entre si para, muito mais naturalmente, serem apresentadas como situações sequenciais e continuadas. A vida não termina com a desencarnação nem, tampouco, há uma transformação brusca do ser pensante e, por conseguinte, da matéria que o envolve.

Como o espírito não se transforma de um momento para outro, seguindo a continuidade da existência, viverá segundo sua predisposição íntima. A cura de enfermidades, por exemplo, deverá ser realizada o quanto antes e não aguardar que a desencarnação a promova.

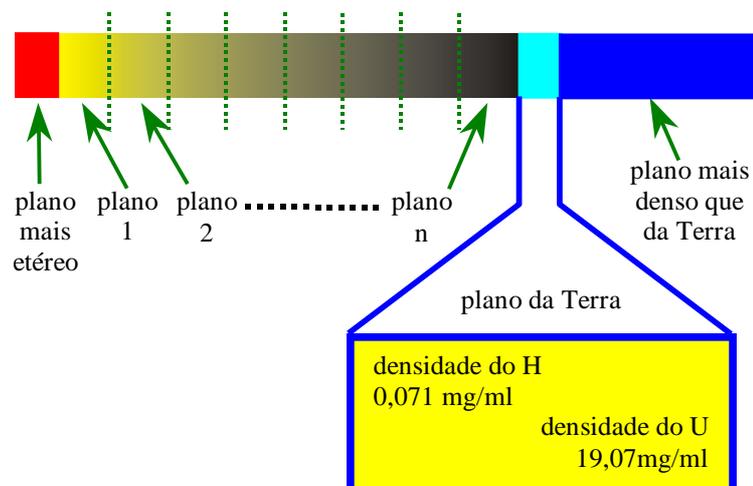
É importante ressaltar que não estamos falando de cura física, mas de cura mental, mesmo que se observe a enfermidade no físico.

Para um maior aprofundamento neste raciocínio, é preciso analisar detidamente a afirmação de André Luiz citada anteriormente: *Elementos atômicos mais complicados e sutis, aquém do Hidrogênio e além do Urânio, em forma diversa daquela em que se caracterizam na gleba planetária, engrandecem-lhe a série estequiogenética.*²¹

Pela expressão “além do Urânio”, verifica-se que, na diversidade de mundos existem aqueles que apresentam matéria mais densa do que a da Terra, pois o Urânio não seria o elemento mais denso que existe.

Tal assertiva é altamente viável. Como já foi dito, o próprio homem, com o conhecimento terreno, é capaz de criar tais elementos, basta verificar a Tabela Periódica dos Elementos Químicos que se encontrará o Netúnio, o Plutônio, o Amerício, o Cúrio, o Berquélio, o Califórnio, o Einstéinio, o Férmio, o Mendelévio, o Nobélio e o Laurêncio. Todos esses elementos são criações humanas e mais complexos que o Urânio, portanto, matéria há em que o estado de aglutinação do fluido cósmico é superior ao conhecido pela humanidade terrena.

Partindo desta premissa, é possível novo acréscimo ao esquema de correlação entre os vários estados do fluido cósmico:



Pode-se, então, considerar todo o espectro de densidades do fluido cósmico como consistindo de diferentes planos, sendo que cada plano corresponderia ao intervalo entre um limite inferior e outro superior, característico ao ambiente devido a cada estado evolutivo.

Como já foi visto, existem regiões em que a matéria é mais densa do que como é conhecida na Terra. Considerando que a obra da criação de Deus estaria voltada para o espírito, não haveria razão para que houvesse mundos que não fossem propícios para serem habitados, mesmo que temporariamente.

Considerando a questão 607b de O Livro dos Espíritos:

Esse período de humanização principia na Terra?

A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período da humanização começa, geralmente, em mundos ainda inferiores a Terra. Isto, entretanto, não constitui regra absoluta, pois pode suceder que um Espírito, desde o seu início humano, esteja apto a viver na Terra. Não é freqüente o caso; constitui antes uma exceção.

Então, os seres atualmente viventes neste planeta teriam tido existências em mundos ainda inferiores a este, possivelmente mais denso. Como o corpo físico de um espírito vivente em um ambiente qualquer deverá ser sempre de densidade compatível com o meio, para este fim, haverá corpos físicos ainda mais densos do que o conhecidos na Terra.

Os espíritos que aqui habitam, em determinada etapa de sua evolução, tiveram corpos mais densos do que atualmente. Com o transcurso do tempo, depurando a mente e, com isso, galgando patamares evolutivos mais elevados, passaram a necessitar de matéria mais sutil. Passando a habitar no planeta Terra, estes espíritos encontraram as condições que necessitavam, plasmando envoltórios mais sutis do que estavam acostumados até então, embora ainda sejam extremamente densos quando comparados com planos superiores.

Sendo Deus criador de todas as coisas e soberanamente justo e bom, propiciará moradas para todos os estágios evolutivos de seus filhos, contudo, nenhum raciocínio lógico conduziria à conclusão de que o planeta Terra seria a morada mais densa.

Assim, tomando por base o esquema anterior, poder-se-ia complementar como segue:

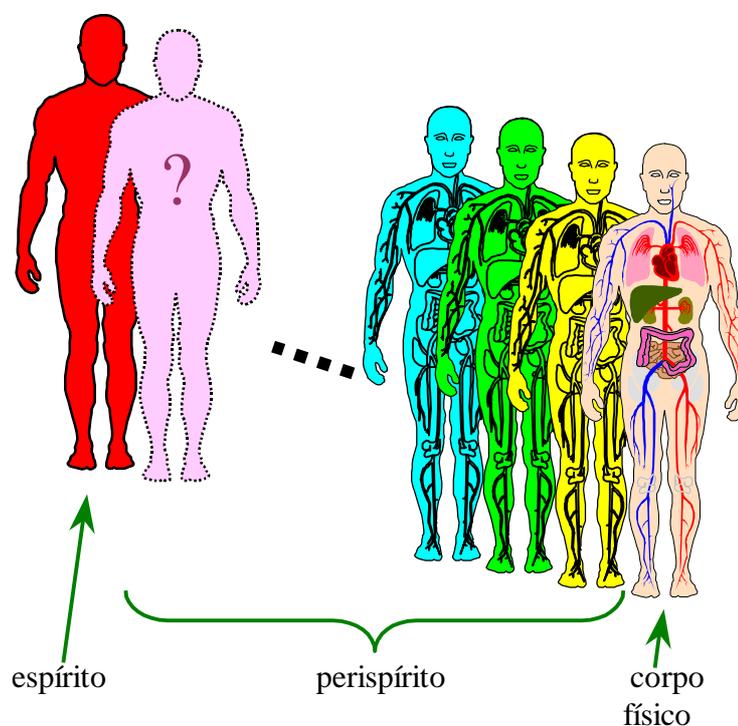


Prosseguindo com o estudo sobre o perispírito, ressaltamos as seguintes afirmações de André Luiz:

Para definirmos de alguma sorte, o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental que lhe preside a formação.²¹

*Todos os órgãos do corpo espiritual e, conseqüentemente, do corpo físico foram, portanto, construídos com lentidão, atendendo-se à necessidade do campo mental em seu condicionamento e exteriorização no meio terrestre.*²²

Sendo o corpo físico reflexo do perispírito, cujos órgãos foram construídos com lentidão, então, todos os órgãos encontrados no corpo físico, que é o último envoltório do espírito, estão presentes também nas camadas mais sutis. Em outras palavras, existem órgãos (coração, pulmões, estômago, etc.) no perispírito. Esta correlação está representada na figura a seguir:



No entanto, sabemos que o corpo é formado por células. Para se tentar compreender como ocorre a organização celular, é preciso remontar à estrutura do perispírito. Consultando a obra *Evolução em Dois Mundos*, André Luiz diz que o corpo físico reflete o corpo espiritual que, por sua vez, reflete o corpo mental, detentor da forma²¹. Em outras palavras, o Espírito elabora lentamente, através das inúmeras experiências, desde o início da sua existência, na condição de simples e ignorante, a sua forma, guardando todo o acervo no corpo mental e este, por sua vez, é o agente que transferirá toda a informação necessária para a formação do corpo espiritual, informação esta que é

completa em seus mínimos detalhes de conformação. O corpo espiritual completo, servirá de molde para a matéria densa²³.

Ainda no mesmo livro, tem-se que durante o transcurso das suas existências, o Espírito “aprende” a dominar as células vivas, princípios inteligentes de feição ainda muito rudimentar que, quando sob o comando de princípios inteligentes em estágios superiores de evolução, servem de modo organizado na grande estrutura orgânica que é o corpo físico²⁴.

Dessas passagens, conclui-se que as células recebem o comando do espírito para se comportarem como máquinas diminutas, compondo uma máquina muito maior, isto é, recebem a informação necessária para se especializarem, atuando de acordo com a necessidade do órgão do qual são parte integrante.

Joanna de Ângelis, no livro *O Ser Consciente*, coloca com extrema clareza que as patologias estão diretamente relacionadas com o estado mental do Espírito ao dizer: *Sendo, a criatura humana, constituída pela energia que o espírito envia a todos os departamentos materiais e equipamentos nervosos, qualquer distonia que a perturbe abre campo para a irrupção de doenças, a manifestação de distúrbios, que levam aos vários desconcertos patológicos, conhecidos como enfermidades.*²⁴

Ainda no mesmo livro, Joanna de Ângelis lista vários dos fatores que causam o desequilíbrio neste fluxo de energia, ou seja, sentimentos comuns a tantos de nós, no nível evolutivo comum das criaturas viventes neste mundo de expiação e provas. Dentre os exemplos, encontram-se: o amor desenfreado e possessivo, quando os participantes se entregam aos desejos, apresentado como *grande demolidor das estruturas celulares*; a angústia, apresentada como *semelhante à densa carga tóxica que se aspira lentamente*; o rancor, apresentado como produtor de ácidos destruidores *que consomem a energia vital e abrem espaços intercelulares para a distonia e a instalação de doenças*; e finalmente, o ódio, apresentado como *tóxico fulminante no oxigênio da saúde mental e física* e seu poder tóxico é explicado como *agentes poluidores e responsáveis por distúrbios emocionais de grande porte, são eles os geradores de perturbações dos aparelhos respiratório, digestivo, circulatório. Responsáveis por cânceres físicos, são as matrizes das desordens mentais e sociais que abalam a vida e o mundo.*

Devido aos sentimentos menos nobres e as transgressões que todos cometem durante suas várias existências, o corpo mental, seguindo a lei de causa e efeito, imprime ao corpo espiritual “pontos obscuros”. Em determinado momento da vida, esses pontos eclodem, dificultando a comunicação entre o espírito e as células, o que irá propiciar uma degeneração comportamental. Dependendo da gravidade destes pontos obscuros, dependerá também a gravidade da degeneração celular.

Nessa correspondência entre os órgãos físicos e perispirituais que, como apresentado anteriormente, são os mesmos, apenas diferindo no grau de densidade em que se expressem em determinado momento, lesando um deles, conseqüentemente todos os outros estarão igualmente lesionados.

CONCLUSÃO

Um ponto fundamental é que não existe o determinismo absoluto. A encarnação é concedida para o aprimoramento do espírito que tem a oportunidade de reparar as transgressões cometidas. O processo é dinâmico podendo-se, em uma única encarnação apenas, minorar ou agravar a situação em que se encontre.

Todavia, quando se trata da cura de uma enfermidade qualquer, mesmo que ainda exista a patologia clínica na camada mais externa, isto é, no próprio corpo carnal, as camadas mais internas poderão apresentar o órgão sadio, porém ainda não foi possível exteriorizá-lo, haja vista que a cura real se processa de dentro para fora. Primeiramente, o padrão mental deverá se adequar para que, gradativamente, possa acomodar a matéria que envolve o foco de inteligência. Neste contexto, após a desencarnação de um indivíduo enfermo, este poderá, após o período de tempo necessário para a adaptação à sua nova situação, se encontrar sadio novamente.

Em contrapartida, enquanto o indivíduo não promover a adequação do padrão mental, a enfermidade permanecerá. A desencarnação de um indivíduo nesta condição não propiciará o seu pronto restabelecimento, permanecendo, assim, a enfermidade nos órgãos perispirituais que passarão a ser o veículo de expressão. O processo para que a cura possa ser efetivada demandará tempo e dedicação, podendo, inclusive, se estender por encarnações futuras.

Considerar que após a morte do corpo físico, o espírito poderá reparar imediatamente o corpo perispiritual é um equívoco, sua plasticidade está atrelada ao agente que a molda: o pensamento, que é a expressão do padrão mental.

É preciso considerar também as lesões existentes nas camadas mais internas do perispírito e que ainda não afloraram à superfície, o que ocorrerá em tempo futuro.

Condições de saúde ou de doença dependem do padrão de pensamento. Uma conduta mental adequada, o que forçosamente conduzirá ao comportamento também adequado, propiciará condições de uma existência saudável, mental e fisicamente, seja encarnado ou na erraticidade. Este é o único caminho para o término de enfermidades e sofrimentos em geral.

REFERÊNCIA

- [1] André Luiz; “Evolução em Dois Mundos” (Psicografia de F. C. Xavier.); 15^a edição, FEB, 1997, pg 17.
- [2] Kardec A.; “O Livro dos Espíritos”; 76^a edição, FEB, 1995, questão 22.
- [3] Idem, questão 10.
- [4] Idem, questão 28.
- [5] Kardec A.; “A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo”; 36^a edição, FEB, 1995, capítulo II item 8.
- [6] André Luiz; “Evolução em Dois Mundos” (Psicografia de F. C. Xavier.); 15^a edição, FEB, 1997, pg 21.
- [7] Idem, pg 43.
- [8] Idem, pg 44.
- [9] Idem, pg 21.
- [10] Idem, pg 23.
- [11] Kardec A.; “O Livro dos Espíritos”; 76^a edição, FEB, 1995, questão 1.
- [12] Aurélio B. H. F.; Novo Aurélio – Século XXI; Editora Nova Fronteira, 1999.
- [13] Kardec A.; “A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo”; 36^a edição, FEB, 1995, pg 277.
- [14] André Luiz; “Evolução em Dois Mundos” (Psicografia de F. C. Xavier.); 15^a edição, FEB, 1997, pg 41.
- [15] Jung, C. G.; Psicologia e Religião; 6^a edição, Editora Vozes, 1999, pg 89.
- [16] Jung, C. G.; Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo; 2^a edição, Editora Vozes, 2002, pg 32.
- [17] Idem, pg 31.
- [18] Joanna de Ângelis (Psicografia de Divaldo Franco); Triunfo Pessoal; 1^a edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2002, pg 23.
- [19] André Luiz; “Evolução em Dois Mundos” (Psicografia de F. C. Xavier.); 15^a edição, FEB, 1997, pg 96.
- [20] Kardec A.; “O Livro dos Espíritos”; 76^a edição, FEB, 1995, questão 57 e 58.
- [21] André Luiz; “Evolução em Dois Mundos” (Psicografia de F. C. Xavier.); 15^a edição, FEB, 1997, pg 27.
- [22] Idem, pg 42.
- [23] Idem, capítulos IV e V.
- [24] Joanna de Angelis; “O Ser Consciente” (Psicografia de Divaldo Franco); 8^a edição, Livraria Espírita Alvorada Nova Editora, 1995, pg 42.

Este artigo foi apresentado no IX SBPE – outubro de 2005